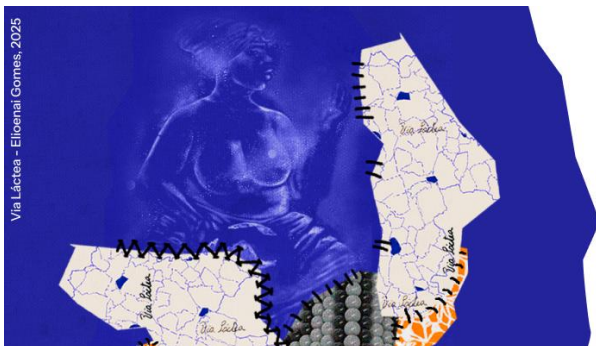




A NAU CONTEMPORÂNEA: ACESSIBILIDADE E POLÍTICAS DE INCLUSÃO NA ARTE/EDUCAÇÃO

Ana Carolina Sampaio Zdradek¹ – FURG

Douglas Marques² – FURG

INTRODUÇÃO

Uma nau ou navio que carrega ocupantes que estão à margem da sociedade, seu mastro não tem velas, o navio não tem direção. Essa é a imagem que é a capa do livro de Michel Foucault – História da Loucura (1961) no Brasil em 2019.

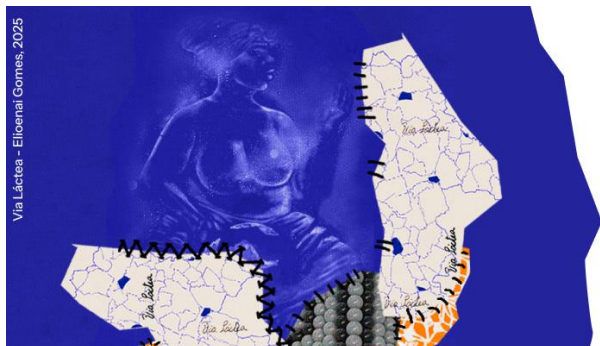


Fig 1 – A nau dos loucos - Hieronymus Bosch Disponível em: [5a01995485930bcaae2c2f3ef573afcc--hieronymus-bosch-open-minded.jpg](#) (736×507). Acesso em: 27/07/2025

Para falarmos daqueles que estão à margem na sociedade, buscando espaço, evocamos essa obra. Para falarmos de neurodivergências, hoje, percorremos uma história não muito íntegra, permeada de sofrimentos, isolamentos e apagamentos. Os

¹ Doutora em Educação. Professora do Curso de Artes Visuais – FURG.. E-mail: anacarolinaestudosculturnais@gmail.com.

² Graduado em História pela FURG. E-mail: douglaswylliam@gmail.com.



indivíduos que não se enquadravam na dita normalidade eram considerados loucos e confinados em sanatórios. A nau dos insensatos significa para Foucault (2019, p. 13):

Toda uma inquietude, soerguida subitamente no horizonte da cultura europeia, por volta do fim da Idade Média. A loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade: ameaça e irrisão, vertiginosa desrazão do mundo e medíocre ridículo dos homens.

A nau contemporânea atua na fronteira, pois continua inquietando com seus personagens. Atualmente dotados de políticas de inclusão que versam sobre seus corpos. A nau chega no contemporâneo em formato de girassol, pois todas as deficiências e transtornos, hoje, podem ser abraçados no guarda-chuva do girassol. Quando mencionamos isso, fazemos referência aos cordões da neurodiversidade, alguns são girassóis, outros possuem o símbolo do infinito e há também os que simbolizam um quebra-cabeça, representando o autismo. Em 2016, um aeroporto no Reino Unido criou os *lanyards*, os cordões da neurodiversidade e, hoje, podemos utilizar tal recurso para nos sentirmos visibilizados, para termos suporte. Contrapondo a história, se hoje temos esse aparato e outras políticas de inclusão, no passado vivemos um holocausto brasileiro, como denuncia Arbex (2019, p. 53):

O fato é que a história do Colônia é a nossa história. Ela representa a vergonha da omissão coletiva que faz mais e mais vítimas no Brasil. Os campos de concentração vão além de Barbacena. Enquanto o silêncio acobertar a indiferença, a sociedade continuará avançando em direção ao passado da barbárie. É tempo de escrever uma nova história e de mudar o final.

Estima-se que mais de 60 mil pessoas morreram dentro do Colônia, sendo muitas vítimas de negligência, tortura e despersonalização total.

É tempo de reescrever essa história, e as ações de inclusão começam por meio da micropolítica. Girassóis abraçam o contemporâneo trazendo visibilidade e afirmação dentro da sociedade, a Nau se espalha, milhares de girassóis caminham e adentram o campus universitário. É dessa história que queremos nos apropriar. Estaria Van Gogh orgulhoso?

DESENVOLVIMENTO

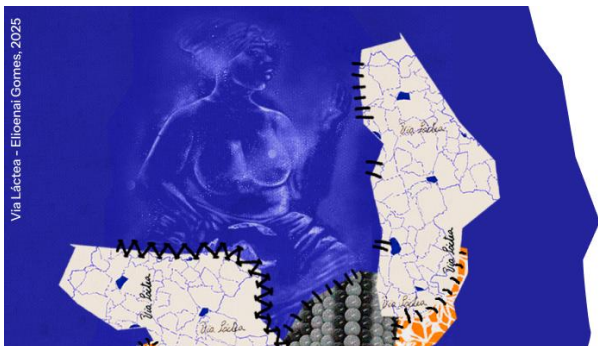
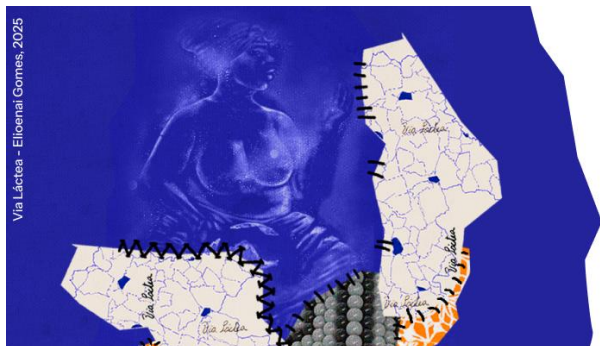


Figura 2. 8 Girassóis – Van Gogh. Disponível em: [van-gogh-6-girassois-d.jpg](#) (726×1031). Acesso em: 27/07/2025

Iniciamos esta seção com 8 Girassóis de Van Gogh para aludir as falas de 19 estudantes que participaram da nossa pesquisa. No mês de junho de 2025 foi elaborado um questionário no Google formulários e o instrumento foi trabalhado em duas disciplinas do curso de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, disciplinas de História da Arte e Metodologia da Pesquisa em Arte I. Participaram da pesquisa 19 estudantes, o nome do questionário consiste em “Questionário sobre neurodivergências”. Foram feitas 6 perguntas para os estudantes, sendo estas: Você acredita que a universidade acolhe bem a neurodivergência?; Qual seu contato com a neurodivergência?; O que você poderia fazer para melhorar a inclusão de alunos(as) neurodivergentes na universidade? Dê sugestões; Conte alguma experiência que você presenciou de caráter discriminatório no âmbito estudantil. Como você reagiu?; Você acredita que os cordões (lanyards) são um recurso que facilita a inclusão? Acredita que esse é o tipo de sinalização é necessária?; Que livros você conhece sobre neurodivergência? Cite. Se não conhecer nenhum, por gentileza, mencione que não conhece.

Em nosso instrumento de pesquisa 84,2% dos entrevistados colocam que mais ou menos, acreditam que poderia ser melhor o acolhimento da neurodivergência na universidade. Outros 63,2% mencionam que possuem laudo ou têm traços.

Sobre o acolhimento da neurodivergência na universidade foi mencionado:



“Promover formação e sensibilização: Participar e incentivar eventos, palestras e capacitações sobre neurodivergência, para que docentes, alunos e técnicos compreendam melhor as diferentes formas de aprender e se comunicar. Conversar com os próprios estudantes neurodivergentes para entender suas necessidades específicas e envolvê-los na construção de soluções. Sugerir e apoiar a criação de programas com monitores ou tutores treinados para oferecer suporte acadêmico e emocional, facilitando a rotina dos alunos neurodivergentes com mediação e acompanhamento mais próximos.”

“Acredito estaríamos mais preparados se tivéssemos mais conhecimento sobre as mais diversas neurodivergências. Eu por exemplo, sei pouco. (sic)

Sobre presenciar atitudes discriminatórias foi mencionado que:

“Soube, por colegas próximos, de uma situação em que um professor demonstrou não saber como lidar com um estudante autista durante uma aula. Não houve hostilidade nem desrespeito explícito, mas ficou evidente o despreparo em acolher e conduzir a situação de maneira adequada.

Sobre os *lanyards* foi mencionado que:

“Acredito que os cordões (*lanyards*) são um recurso bastante importante para facilitar a inclusão, pois funcionam como uma forma simples e visual de identificação que pode ajudar professores, colegas e funcionários a reconhecerem rapidamente alunos que possam precisar de algum tipo de apoio específico. Essa sinalização contribui para tornar o ambiente mais acessível e acolhedor, permitindo que as necessidades desses alunos sejam atendidas de forma mais eficaz e respeitosa. No entanto, infelizmente, o uso dos *lanyards* também pode expor os alunos a situações de ridicularização ou preconceito por parte de outras pessoas que não compreendem sua finalidade ou que têm atitudes excludentes. Esse estigma pode acabar afastando os alunos do uso desses recursos, prejudicando a própria inclusão que se pretende promover. Por isso, além de incentivar o uso dos *lanyards*, é fundamental promover campanhas de sensibilização e educação sobre a importância da diversidade e do respeito às diferenças. Só assim será possível criar um ambiente em que todos se sintam seguros e valorizados, e onde sinais visuais como os cordões sejam vistos como instrumentos legítimos e naturais de inclusão, sem gerar qualquer tipo de discriminação. “

“Acredito que sim para ambas as perguntas, porém é necessário que os professores, estudantes, técnicos e terceirizados sejam alfabetizados na leitura dos cordões, pois muitos desconhecem seus significados.”

Estas considerações são de suma importância no âmbito do Ensino de Artes Visuais, o qual precisa de uma intencionalidade decolonial para compreender estes processos novos como neurodivergências, acessibilidade e inclusão. Para Guimarães (2024, p. 35) “a decolonialidade busca tensionar os campos da Arte e da Cultura, construindo outras narrativas, visibilidades, subjetividades e reconhecimentos [...]”.

Sendo assim, precisamos de uma Arte/Educação comprometida com a construção de conhecimento dos ditos neurodivergentes. De acordo com Lehmkuhl (2022, p. 42):

Quando os estudantes chegam ao ensino superior, têm acesso a outro nível de educação, não para “socializarem”, mas para que tenham assegurada uma formação humana e profissional e possam acessar o conhecimento acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, a nossa experiência com o instrumento foi de grande valia, tendo em vista que analisamos que a maior parte não conhece ainda muito bem as neurodivergências e não tem materiais literários de apoio para sua elucidação. Fica expresso também o despreparo docente para lidar com a neurodivergência. É preciso atuar numa perspectiva decolonial se apropriando do currículo como espaço de poder. É nesse espaço que vamos construir o léxico necessário para dar suporte ao estudante neurodivergente. A nau contemporânea está viva e preme de sujeitos que procuram seu espaço no mundo, sujeitos como nós e, talvez, como você.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. 12ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LEHMKUHL, Márcia. As políticas de educação especial na perspectiva da educação inclusiva para o Ensino Superior. In: Lehmkuhl, Márcia; FROLICH, Raquel (Org.). **Inclusão no ensino superior**. Inovar: Mato Grosso do Sul, 2022.
- GUIMARÃES, Leda. Cultura. In: Sampaio et al. **Léxico da Arte/Educação Brasileira**. Cutitiba: CRV: 2024.